

# RELAÇÕES DE TRABALHO NAS CERÂMICAS/OLARIAS DE SANGÃO

Gabriela Rech Salib<sup>1</sup>  
João Henrique Zanelatto<sup>2</sup>

**Resumo:** O escrito tem por objetivo conhecer as experiências dos trabalhadores das fábricas que produzem telhas e tijolos, denominadas olarias ou cerâmicas, existentes no município de Sangão, no sul catarinense. O segmento cerâmico é bastante representativo no Brasil. E em Sangão é a principal atividade econômica, responsável pela maior quantidade de empregos da cidade. Assim, buscamos, através de um estudo qualitativo, entender a realidade dos indivíduos que compõe a força de trabalho das olarias. Este estudo realizou-se através de cinco entrevistas semiestruturadas realizadas com trabalhadores que estão atuando ou que já atuaram no setor, nas quais os entrevistados nos revelaram suas experiências nas cerâmicas.

**Palavras Chaves:** Trabalho, Experiência, Cerâmica, Sangão.

**Abstract:** The purpose of the brief is to get acquainted with the experiences of the workers of the factories that produce tiles and bricks, called pottery or ceramics, existing in the municipality of Sangão, in southern Santa Catarina. The ceramic segment is very representative in Brazil. And in Sangão is the main economic activity, responsible for the largest amount of jobs in the city. Thus, we seek, through a qualitative study, to understand the reality of the individuals that compose the pottery work force. This study was carried out through five semi-structured interviews with workers who are working or who have already worked in the sector, in which the interviewees revealed their experiences in the ceramics.

**Keywords:** Work, Experience, Ceramics, Sangão.

## 1. INTRODUÇÃO

Nesta possível perceber os desafios enfrentados por estes trabalhadores, o trabalho pesado, os baixos salários, da falta de valorização do trabalho, da ausência de benefícios ofertados pela empresa, a falta de um sindicato atuante, o enriquecimento do patrão versus a perda da saúde do trabalhador. Abordamos também o aspecto da migração em busca de melhores condições de vida, tema

---

<sup>1</sup> Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Email: [gabrielasalib@hotmail.com](mailto:gabrielasalib@hotmail.com)

<sup>2</sup> Pós-Doutor em História, professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Email: [jhz@unescc.net](mailto:jhz@unescc.net)

presente na vida de todos os entrevistados. Implícita em suas histórias, uma vontade inquebrantável de mostrar seu valor e de sobreviver com dignidade.

O município de Sangão, está localizado no sul catarinense, município que até a década de 1980 tinha na agricultura e na extração de pedras suas principais atividades econômicas. O setor cerâmico foi despontando ao longo da década de 1980, a produção cerâmica iniciou sua expansão, passando assim a ser a principal atividade econômica local, tornando-se uma opção para os trabalhadores que atuavam tanto na agricultura quanto nas pedreiras (ZANELATTO, 2010).

Localizado a 165 quilômetros da capital de Santa Catarina, Florianópolis, Sangão deixou de ser uma localidade com pouca expressividade na região para, em questão de poucos anos deparar-se com um aumento de atividade cerâmica/olarias, sendo esta desproporcional à capacidade produtiva de sua população, demandando assim a contratação de trabalhadores de outros municípios ou estados para atender à necessidade de mão-de-obra. A expansão do setor cerâmico nas décadas seguintes e a necessidade crescente de mão-de-obra foi atraindo trabalhadores de outros municípios e de outros estados para Sangão.

O setor cerâmico é de grande importância não somente para Sangão, mas para todo o país. Segundo o Boletim de Inteligência do SEBRAE, datado de Dezembro de 2015, o segmento cerâmico representa 4,8% da indústria da construção civil no Brasil, gerando aproximadamente 300 mil empregos diretos e 1,5 milhão indiretos, com um faturamento estimado de 18 bilhões ao ano (o que representa cerca de 1% do Valor Bruto de Produção Industrial brasileiro). Somente em telhas são produzidas mensalmente 1,3 bilhão de unidades, sendo que, no país, a maior parte da produção é realizada por empresas de pequeno e médio porte. A região Sudeste é a principal produtora, correspondendo a 44,38% do total, seguida pelo Sul (21,4%), Nordeste (21,25) Centro-Oeste (8,69%) e Norte (4,34%). Ainda segundo o SEBRAE, de 2007 a 2011 a produção subiu de 70,4 bilhões de unidades para 88,4 bilhões, um aumento de 26%.

No que tange ao crescimento do setor cerâmico em Sangão, o quadro a seguir configura-se em um indicativo da relevância desta atividade para o município.

<b>Ano</b>	<b>Quantidade de Olarias</b>	<b>Quantidade de Empregados em Olarias</b>
1994	3	12
1995	26	159
1996	27	169
1997	46	341
1998	54	520
1999	60	844
2000	68	1115
2001	79	1246
2002	96	1407
2003	92	1391
2004	92	1407
2005	93	1460
2006	92	1593
2007	92	1613
2008	92	1667
2009	99	1757
2010	96	1818
2011	94	1985
2012	91	2070
2013	96	2143
2014	91	1978
2015	85	1665

Quantidade de Olarias existentes em Sangão a partir de 1994.

Fonte: Rais

Ao conhecer a relevância deste setor na atual conjuntura econômica brasileira, vimos a importância de entender profundamente a realidade dos indivíduos que compõe a força de trabalho que faz acontecer a produção cerâmica. Assim, nesta pesquisa, nosso principal interesse foi revelar as experiências vividas pelos trabalhadores que buscam trabalho nas olarias, explorando as condições de trabalho e sobrevivência por eles vivenciadas. Para tal, nos utilizaremos da metodologia de história oral, pois nas fontes oficiais dificilmente encontraríamos suas experiências, seus sentimentos, crenças, expectativas...

## 2. A MIGRAÇÃO COMO PERSPECTIVA DE MELHORES CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA

Pela experiência homens e mulheres tornam-se sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras, e agem sobre determinada situação. (Thompson, 1981, p. 182).

Iniciamos este artigo nos apropriando da citação do historiador inglês E. P. Thompson, pois consideramos que para conhecer as singularidades dos trabalhadores das cerâmicas de Sangão devemos entendê-los como sujeitos de sua história que frente às relações de trabalho criam e recriam maneiras de enfrentar as adversidades. Em sua trajetória esses trabalhadores experimentam situações, tensões que os levam a agir tanto coletivamente como individualmente.

Por mais que seus comportamentos e atitudes em diferentes épocas, lugares e trabalhos possam se entrelaçar e estabelecer conexões, a vida de cada ser humano tem variáveis que o tornam únicos, assim como são únicas às experiências de cada grupo de trabalhadores dentro de uma fábrica.

Podemos entrevistar milhares de trabalhadores: por mais que suas narrativas coincidam em diversos momentos, cada um terá suas próprias impressões para contar, entrelaçadas entre sua vida pessoal e profissional, pois como afirma Eclea Bosi (1987, p. 17), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar como imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Entre os entrevistados, há os que se aposentaram após uma longa trajetória de trabalho, forçados por problemas de saúde ocasionados pela dura jornada; os que experimentaram uma rápida, porém árdua passagem pelo segmento; e ainda, os que estão atuando nas olarias. O público atingido foi de três mulheres e dois homens, com idades entre 45 e 64 anos, e com no mínimo cinco anos neste tipo de trabalho. Optou-se por preservar suas identidades, de forma a proporcionar maior liberdade durante as entrevistas, por isso, serão utilizados nomes fictícios para identifica-los.

A migração mostrou-se um aspecto recorrente no que diz respeito aos entrevistados. Todos eles nasceram em outra cidade que não Sangão, e a mudança ocorreu por dois motivos: acompanhando os familiares ou em busca do

trabalho nas olarias. Os irmãos João, de 64 anos, e Pedro, de 63 anos, venderam as terras usadas para agricultura na cidade de Pato Branco, no Paraná, e fizeram de Sangão seu lar há doze anos. Após o falecimento dos pais, primeiro João e depois Pedro optaram por vender as propriedades que possuíam e se mudar para a cidade catarinense. Quando questionado sobre suas motivações para a mudança, a resposta de Pedro foi que:

Porque... por causa do serviço. Porque lá (em Pato Branco) serviço tem. Mas mais o serviço que lá tem é trabalhar<sup>3</sup> na roça. Né? Quem trabalha também de empregado é só máximo até vinte e cinco anos. De vinte cinco anos pra baixo... de dezoito a vinte cinco. (Pedro, entrevistado, 2017)

Na narrativa de Pedro, podemos perceber, por um lado, a insatisfação com o trabalho rural, outrora exercido, e por outro o desejo de um emprego fixo, que só seria ofertado para quem tem uma idade inferior à sua. Podemos compreender esta aspiração do trabalhador rural da seguinte maneira:

A produção do sitiante ou ocupante que conte apenas com a mão-de-obra familiar e a técnica tradicional é apenas suficiente para prover a subsistência da família e produzir um excedente muito pequeno. Por isso, o equilíbrio econômico depende da compressão máxima de todas as necessidades que precisam ser satisfeitas pela compra. Qualquer necessidade nessa relação excedente\_ necessidades, trazida quer pela elevação do foro, quer pela ampliação das necessidades, torna automaticamente a produção insuficiente (DURHAM, 1984, p. 104).

Assim, podemos dizer que em sua vinda para Sangão, há a esperança de encontrar uma situação financeira mais estável, que possa atender às necessidades de sua família, e que o vínculo empregatício com uma olaria pode vir a atender esta expectativa. Aqui, sua idade não seria um empecilho para o trabalho em uma indústria.

A incerteza da produção é fator preponderante na vida do trabalhador rural. Junto ao sentimento de impossibilidade de melhoria e das duras condições de trabalho impostas, revela-se um complicador para o aspirante a migrante, que em certos momentos, dependendo de sua safra, vê-se sem condições de sustentar a si e seus familiares. Como muitos fatores não dependem de si

---

<sup>3</sup> Foram realizadas correções gramaticais nas falas dos entrevistados de forma a tornar a leitura mais fluida, em especial no que diz respeito às conjugações verbais. Porém o texto foi mantido em sua essência, assim como as expressões regionais utilizadas.

próprio, como por exemplo, no que se refere às condições climáticas que contribuem ou não para uma boa safra, o migrante vai perdendo as expectativas quanto ao futuro e opta por buscar novos caminhos para melhorar de vida.

Porém os familiares também são preponderantes no ato da escolha em se mudar por outra cidade. Maria, 63 anos, conta que morava em Urubici (SC), antes de se mudar para Sangão:

Pois agora, né, a gente vem rolando, rolando... E daí a gente vai para onde se dá bem, né? Porque eu saí de lá, eu era pequena. Aí nós íamos morar em Gravatal, aí de Gravatal a minha vó já morava em Tubarão, a gente veio vindo pra Tubarão, os meus pais, né. Chegou ali em Tubarão, eu casei e fui fazer a minha vida. Aí vim pra cá pro Morro Grande, trabalhar na cerâmica. (Maria, entrevistada, 2017).

Pela narrativa, quando veio para Sangão ela residiu em mais duas cidades além de onde nasceu. Ou seja, as mudanças são frequentes até que se estabeleça permanentemente. Primeiro a migração vem por influência da avó, e depois acompanhada do marido. É o mesmo caso de Regina, cujos pais de mudaram para a cidade onde já tinham familiares:

Assim é: eu vim lá de Criciúma, eu sou de Criciúma. E em Criciúma, quando eu tinha meus treze anos meu pai me trouxe prá cá, prá cá pro Morro Grande porque a gente tinha parentes aqui. E daí o único serviço que tinha aqui era cerâmica, era olaria. Ai eu peguei a trabalhar na olaria. (Regina, entrevistada, 2017).

No caso de Regina, a mudança é motivada pela presença da família, e posteriormente, a olaria aparece com a única opção viável de trabalho, o que ela fez com apenas treze anos, momento em que está impossibilitada de receber um ambiente apropriado para sua idade, visto a insalubridade presente em indústrias como as olarias, e mesmo de obter o registro em carteira de trabalho. Essas duas informações constam na Consolidação das Leis do Trabalho, sendo no artigo 403 proibido o trabalho por menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, o que não era o caso de Regina, e no inciso I do artigo 405 vetado aos menores de 18 anos o trabalho em locais e ambientes perigosos e insalubres. Regina foi nesta época privada de seus direitos, inclusive com a perda de tempo de contribuição para sua aposentadoria, configurando uma situação de precarização.

Pedro ao falar sobre o serviço de olaria, “*não é serviço pesado não. Né. Porque eu sou acostumado a trabalhar no pesado. Desde quando comecei a trabalhar na roça até hoje, né, eu gosto de trabalhar no pesado. O serviço leve é pra criança* (Pedro, entrevistado, 2017).” Ou seja, tendo trabalhado desde pequeno na roça, para ele é mais que natural que permaneça em uma atividade onde se use muita força física. Pelas suas palavras, é inclusive motivo de orgulho, sendo que somente a crianças deveria ser atribuído serviço mais leve.

### **3. TRABALHO EXAUSTIVO E ENFERMIDADES CONSTANTES NO COTIDIANO DAS OLARIAS**

O serviço nas olarias é bastante pesado, todos os entrevistados concordam. E cobra seu preço. João se aposentou em Junho de 2017, após anos de trabalho duro: começou ainda criança na roça, e agora, encontra-se impossibilitado de trabalhar após perder movimentos no braço e mão esquerdos:

[...] o meu serviço lá era serviço pesado, né, serviço pesado, porque eu fazia o seguinte, o serviço que eu fazia lá, o peso que eu levava lá dava sempre direto uns três mil quilos, que eu puxava no braço ali, e hoje esse problema aqui foi por causa de muito peso, então o nervo cansou, né? Daí então, deu, se complicou, né? E daí sempre fui, sempre fui o serviço pesado, sempre. Desde quando comecei a trabalhar, com sete anos, até o ano passado, sempre foi no serviço pesado. Nunca refuguei, nunca neguei, dizer: Não, hoje não vou porque não posso. Não. (João, entrevistado, 2017)

O depoimento de João mostra que, apesar de ter se acostumado ao trabalho árduo e fazê-lo sem hesitação, acabou por desenvolver um problema de saúde crônico e que lhe impede de fazer atividades simples. Conta-nos que quando vai fazer compras no supermercado, não consegue segurar sacolas de dois quilos, precisa pedir ajuda a outras pessoas para transportá-las, pois não tem mais forças no braço.

Maria, também com 63 anos, aposentou-se após trabalhar 22 anos em uma olaria, tendo passado por um longo período de sofrimento após também desenvolver problemas de saúde.

Trabalhei na empresa X por 22 anos. Ai só que de lá “rompeu os tendões”, começou a dar problema no braço, daí eu tive que me afastar, sabe... Aí fui, me tocaram pro encosto mas eu não

passava, eles diziam assim: “A senhora tem a enfermidade, é tudo rompido, mas a senhora pode trabalhar.” E daí eu fiquei trabalhando assim dez anos, sabe, com aquela dor, tomando remédio, pegando atestado, e dali fui. Quando não deu mais mesmo que ai ficava só assim ó (faz gesto mostrando o braço caído), não pegava mais nada, aí eu peguei e falei com... a recepção e disse assim pra ela: Ó, eu vou trabalhar até o... até o dia primeiro de maio. Do dia primeiro de maio até o dia quinze eu trabalho, depois os outros quinze dias a firma dá. Aí vocês pode me tocar pro encosto. Porque eu tô aqui, eu não posso fazer nada, pra mim fica sentada vocês não vão aceitar... Né? Eu pedir as conta eu não vou pedir, vocês também com esses anos todos vocês não vão me botar pra rua. Daí ela pegou e me botou pro encosto. (Maria, entrevistada, 2017).

Nas palavras de Maria, podemos perceber várias situações que remetem à precarização a qual estão submetidos trabalhadores de olaria. A primeira é a própria enfermidade, originada durante os anos de trabalho. Segundo Maria, teve um rompimento no tendão do ombro (este tipo de lesão é ocasionado pela repetição exagerada e intensa de movimentos ao longo dos anos, o que desencadeia um processo crônico-degenerativo precoce do tendão, gerando a ruptura). Ou seja, a execução do trabalho na olaria, sabidamente intenso e repetitivo, contribuiu em grande escala para originar a enfermidade de Maria.

Outro aspecto a ser considerado é de que, mesmo com a necessidade de pausar as atividades por causa da dor, Maria permaneceu trabalhando por mais dez anos. Ela conta que pediu para ser “mandada para encosto”, ou, seja, para se habilitar ao recebimento do auxílio-doença. De acordo com o INSS, o auxílio-doença “é um benefício por incapacidade devido ao segurado do INSS acometido por uma doença ou acidente que o torne temporariamente incapaz para o trabalho.” Ele pode ser concedido ao empregado que está afastado do trabalho há mais de 15 dias e necessita de uma perícia realizada pelo médico atestando a condição de saúde do trabalhador.

Porém, nas palavras de Maria, as perícias médicas atestavam seu problema, mas diziam que mesmo assim ela poderia continuar trabalhando. Desta forma, trabalhou ainda por dez anos antes de tomar a decisão de se afastar permanentemente da empresa. Por três anos, esperou uma cirurgia pelo Sistema Único de Saúde, para tentar aplacar as dores constantes que sentia. Ela conta um pouco sobre o sofrimento enfrentado enquanto lutava pela aposentadoria, já que ainda não tinha a idade nem o tempo de contribuição mínimos, e as perícias médicas realizadas não acusavam invalidez:

Assim me... me desesperou, porque era talão de luz, talão de água, eu olhava o meu armário não tinha nada, os outros que me traziam uma cesta básica, outro uma coisa e outra, e eu chorava que me acabava porque eu dizia: Meu Deus, eu toda vida fui dependente minha, eu nunca dependi de ninguém. (Maria, entrevistada, 2017).

As palavras de Maria denunciavam não somente as condições de precariedade<sup>4</sup> que enfrentou, tendo sentido falta até mesmo dos itens mais básicos para sobrevivência, como o alimento diário. Mas também, a humilhação denotada em sua fala quando percebe-se dependendo de doações para a existência cotidiana, quando estava acostumada a ser independente, vivendo dos frutos de seu trabalho.

A dureza das condições de trabalho na olaria não restringem-se somente ao esforço físico realizado pelos trabalhadores, mas também pelo ambiente inóspito a que estão submetidos. Quando questionada sobre o assunto, a entrevistada Lucia desabafa:

[...]...era muito puxado. Muito trabalhado. A gente trabalhava numa boca de estufa e nessa estufa ele tem um exaustor que ele puxa calor do forno pra dentro da estufa, pra secar as telhas. E ali era uma fumaceira, um vapor, um calor, e assim, era muito sacrifício. Quando não era calor era fumaça. Então assim, era bem complicado. A gente trabalhava, eu trabalhava mesmo porque eu precisava. Era o ganho, era o trabalho que tinha, tinha que trabalhar. Ah, era bem ruim. Hoje tá melhor, mas antes era muito ruim. Era muita poeira. Muita poeira. Era cheiro de óleo,<sup>5</sup> era... era gasolina. Era um monte de coisa. Muito, muito ruim. (Lucia, entrevistada, 2017).

Outras questões foram narradas - trabalhar de pé o dia todo é um dos fatores mais desagradável apontado pelos nossos entrevistados. Pedro, de 62

---

<sup>4</sup> Sobre o processo de precarização das condições de trabalhos imposta aos trabalhadores em escala mundial ver os estudos de: ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

<sup>5</sup> Essa realidade não pertence somente às olarias de Sangão. Maciel (2013, p. 93), ao entrevistar os trabalhadores das olarias no estado de Amazonas, cita operários que desenvolveram hérnias, ou ainda que apresentavam dores no abdômen que acreditavam tratar-se de hérnia, principalmente pelo longo tempo passado de pé. A quantidade de trabalhadores abordados pelo pesquisador que dizem sentir-se cansados no trabalho é de 87%, sendo que todos os respondentes que fizeram esta afirmação estavam há mais de cinco anos na empresa e tinham mais de trinta anos. Os 13% que contrariavam estas características eram mais jovens, com menos tempo de casa. Ou seja, o pesquisador concluiu que este cansaço é gradual: quanto mais tempo de empresa e mais idade apresenta, maior a indisposição ao final da labuta diária.

anos, era acostumado ao trabalho pesado da roça, por isso o serviço na olaria não é tão cansativo para ele, mas que sua escolha seria fazer outro trabalho onde não precisasse ficar de pé.

Ali no meu serviço ali pra lancear não é cansativo. Só que cansa porque o cara fica o dia inteiro de pé. A gente só senta quando “arebenta”<sup>6</sup> o arame. Né, que daí tem que trocar. Aí, mas isso o que que é... dois minuto. Aí o cara dá uma “froxada”<sup>7</sup> nas costa, dá uma caminhadinha... ou quando precisa ir pro banheiro, tomar uma água, né? Daí que folga um pouquinho. Daí que dá pra dá uma movimentada na... nas pernas. Mas senão é de manhã, meio dia e da uma às cinco. Né? Daquele tipo lá. Daí cansa, mas por que? Por causa que fica de pé. Que eu preferia fazer outro serviço mas não fazer esse ali. Mas só que esse ali... é porque fica de pé. (Pedro, entrevistado, 2017).

As palavras de Pedro mostram as dificuldades da jornada diária, pois os momentos de pausa estão condicionados a problemas nos equipamentos ou satisfação de necessidades, como ir ao banheiro ou tomar água, e mesmo assim muito rapidamente. Ele também falou sobre um acidente sofrido dias antes de nossa entrevista, onde havia machucado o pé.

Ah, eu trava empurrando o “trollo”<sup>8</sup> prá cima, tiramos da estufa, né, leva pra cima pro carro fazer o “vagon” e... um trollo já tinha levado. Voltei pra pegar o segundo e era pesado, e eu pedi ajuda. Quando eu pedi ajuda o outro vem por trás e já me empurra o trollo<sup>9</sup> em cima e daí me pegou o pé, né, me tiro fora tudo: os nervos do meu pé saiu tudo. Aí pegou aqui ó, ainda tem o sinal aqui da coisa, e agora ainda tá... Hoje ainda não tá muito inchado não, mas ontem... ontem tava inchado. Já sumiu tudo o inchume<sup>10</sup> daqui. Aí eu fui a Jaguaruna, fui tirar um... raio-x mas graças a Deus não... não quebrou. Nem trincou o outro, não teve nada de...de coisa. Então foi só o problema de... os nervos, né, que tirou fora. (Pedro, entrevistado, 2017).

Esse tipo de acidente pode ser evitado se for atendida em sua plenitude a Norma Regulamentadora número 12, que fala sobre Máquinas e Equipamentos. Dal Molin (2014, p. 31), traz o conteúdo da norma, na qual tanto máquinas quanto equipamentos devem dispor de dispositivos de acionamento e parada, localizados de forma que possam ser acionados pelo operador de forma rápida. Assim, a correta orientação aos trabalhadores sobre o manuseio do equipamento

---

<sup>6</sup> Arrebenta

<sup>7</sup> Afrouxada

<sup>8</sup> Troller

<sup>9</sup> Vagão

<sup>10</sup> Inchaço

e a existência do dispositivo de segurança adequado contribuiriam para o acidente não ocorrer. O acontecido demonstra negligência do empregador em relação ao entrevistado, ao não ofertar as condições adequadas em relação à prevenção de acidentes.

#### **4. REMUNERAÇÃO E BENEFÍCIOS: A ETERNA ESPERA POR MELHORIAS**

Outra questão a ser relacionada no aspecto da precarização diz respeito aos baixos salários. Pedro fala sobre seu salário atual, revelando que o acha injusto:

O meu salário é fixo. Ficou pra aumentar mas até hoje não aumentou. O meu salário hoje é...é... o meu serviço é bastante, né, mas eu ganho mil e trezentos reais. (...)Hoje... entra um peão lá hoje, ele vai começar a lancear ou fazer algum outro serviço ali, é a mesma... mesmo salarinho meu. Bem que não sabe nada, porque daí tem que tirar um pra ensinar. Não sabe nada. E tá ganhando mil e trezentos, mesma coisa eu. Não é (risos)... não é fácil. É...Agora pelo serviço que eu faço lá, era pra ser o mínimo... Mil e quinhentos reais. Mil e quinhentos reais ainda sabe que dá mais ou menos. Né, pelo serviço que eu faço, porque se não... o que eu passo pra ganha mil e trezentos reais... é pouco. É pouco, pelo serviço que eu faço. (Pedro, entrevistado, 2017).

Pedro trabalha há doze anos na olaria, tendo mais tempo de casa até mesmo que o patrão<sup>11</sup>. Mesmo assim, o salário é igual para todos, independente de estar começando ou de estar já há muito tempo. É visível sua frustração quanto a este ponto: se sente desvalorizado por ser funcionário antigo e ganhar o mesmo que os mais novos, que entram sem conhecimento nenhum.<sup>12</sup>

É clara sua mágoa quanto a estas promessas de aumento, inclusive podemos perceber pela fala abaixo que há um sentimento até mesmo de vergonha, por não ser valorizado após tantos anos na empresa. Aqui, fala que outra funcionária duvidou que ele recebesse o mesmo salário que ela, sendo que para provar esta situação mostrou o cheque recebido no dia do pagamento:

---

<sup>11</sup> Quando Pedro começou a trabalhar na olaria, outra pessoa era proprietária da olaria.

<sup>12</sup> Essa reivindicação está contida na chamada Teoria de Dois Fatores, desenvolvida por Frederik Herzberg, e que, de acordo com Rojo e Zanela apud Robbins (2013, p. 02), aborda dois fatores que compõe a satisfação no trabalho. Estes fatores seriam os motivacionais, que dizem respeito à valorização e o reconhecimento do trabalhador, o trabalho executado, as possibilidades de crescimento na empresa e também os fatores higiênicos, como o salário, os relacionamentos, a segurança. Há a necessidade de algo mais que apenas o salário mensal para a sobrevivência: é preciso se sentir necessário, valorizado, ter perspectivas, o que não vem acontecendo no caso de Pedro.

Mais igual uma mulher lá: Não, diz, mas é difícil o Pedro, porque você não tá ganhando a mesma quantia que eu. Eu disse: o dia que eu vou receber, eu quero você me passa isso, eu vou te mostrar o cheque, disse pra ela. Claro, porque você é o mais velho. É, eu sou o mais velho lá dentro. Depois d'eu é o patron, mas eu sou o mais velho. O dia que fui "arrecebê"<sup>13</sup>, a mulher que também ia recebe, ela tava ali do lado, daí eu disse pra ela, digo: Quer ver a minha... o meu salário? Eu dei o cheque pra ela. Ela disse: Eu não acredito. Eu disse: tá aqui ó. A quantia que tu vai receber do teu, eu também recebi ó, tá aqui. E ela não queria me acreditar. Ela pensando que... faz tempo que eu tô lá, né, mais velho, tô ganhando mais, né... porque mais de uma vez que ela me falou: não, porque você faz anos, né? O patron poderia bem ver que você é mais velho ali dentro e te pagar um pouquinho mais, cem reais, duzentos a mais. Disse: não, eu tô recebendo a mesma quantidade do teu. E ela não queria acreditar, mostrei meu cheque pra ela. Mostrei, né? Daí hoje ela tá acreditando. (Pedro, entrevistado, 2017).

A remuneração percebida pelos trabalhadores de olarias geralmente é um valor com pouca variação e que dificilmente registra um aumento real. Esta remuneração baixa faz parte de um conjunto de ações desenhados pelos proprietários das fábricas, de forma a aumentar seu lucro tendo o mínimo possível de despesa.

João também considera a remuneração do irmão insuficiente, mesmo que durante seu tempo de trabalho, encerrado em Junho de 2017, recebesse apenas trezentos e cinquenta reais a mais. Mas aqui podemos perceber que este pequeno valor é de grande importância para ele: "Eu é só... só... não é o dia inteiro, né... Era só das três da manhã à meio dia. O meu salário lá era mil e seiscentos e cinquenta. Limpinho. Que nem ele ali que é o dia inteiro, né, daí era pra ser mais" (João, entrevistado, 2017).

João parece ter a percepção de que, por trabalhar somente até meio-dia, sua jornada de trabalho seria inferior à do irmão, quando, se considerarmos uma hora de intervalo, terá atuado também em oito horas diárias. Ainda, como sua jornada de trabalho inicia às três horas da manhã, é considerado como trabalho noturno. De acordo com a CLT, nas horas trabalhadas entre as 22 e as 05 horas da manhã, deve haver uma remuneração 20% maior em relação aos outros horários. Além disso, cada hora de trabalho deve ter apenas 52 minutos e 30 segundos, numa redução, no seu caso, de 15 minutos ao dia, o que não parece ser cumprido. Ou seja, se considerarmos estas variáveis, as duas remunerações praticamente se equiparam.

---

<sup>13</sup> Receber

Pequenas empresas dificilmente dispõem de um plano de cargos e salários ou um plano de carreira, que estabeleçam aos trabalhadores requisitos e prazos para que possam ascender na empresa, de acordo com suas capacidades e com as atividades que desenvolvem na empresa. Habitualmente, esta é uma ferramenta que apresenta benefícios para o trabalhador, de forma que lhe esclarece suas possibilidades dentro da sua empregadora, recompensando os que conseguem atingir os objetivos propostos, quanto para a empresa, que tem trabalhadores mais motivados em produzir com qualidade, assim como encontra uma maneira de valorizar quem se sai bem em suas atividades diárias (PONTES, 2005).

As olarias de Sangão não tem como regra a oferta de benefícios para os funcionários. Estes deveriam funcionar como fontes motivacionais para os trabalhadores, que, apesar dos baixos salários, os utilizam como uma válvula de escape para uma sobrevivência menos sofrida: saber, por exemplo, que em um caso de doença estarão assegurados e não somente dependentes do atendimento público em alguns momentos contrapõe a remuneração escassa. Os benefícios podem ser divididos em assistenciais (assistência médica e odontológica, seguro de vida), recreativos (voltados à recreação, lazer) e supletivos (transporte, restaurante) (MACHADO, 2016, p. 41).

Quando questionados se recebiam algum benefício da empresa, tal como plano de saúde, auxílio alimentação ou farmácia, entre outros, todos os entrevistados responderam que não. A prática é a mesma desde sempre: Lucia, que deixou o trabalho nas olarias há algum tempo, mais cujo marido e filho até hoje atuam como trabalhadores nas cerâmicas, diz que nem ela nem familiares nunca receberam nada além do salário. Além disso, observamos a tristeza como ela relata a demora na chegada da aposentadoria, fruto da ausência de registro quando trabalhava na olaria.

Eu fiquei casada cinco meses, dos seis meses em diante eu fui trabalhar. Ai trabalhei um ano e meio, engravidei e trabalhei até oito meses de gravidez. (...)Ai depois sai, ai fiquei mais um ano em casa, até minha filha ficar maiorzinha, ai depois paguei alguém pra cuidar da menina, e eu continuei trabalhando. E com tudo isso, eu já tinha sete anos de carteira fichada mesmo, de contribuição, e ali não sei, passou despercebido e eu trabalhei e perdi cinco anos. Hoje eu poderia estar aposentada. Ainda falta quatro anos pra eu me aposentar. Complicado. (Lucia, entrevistada, 2017).

Um dos fatores que podem explicar a situação descrita por Lucia e a ausência de um Sindicato que defenda os interesses desses trabalhadores, pois na pesquisa não encontramos a presença de organização sindical desta categoria no município. Segundo Zanelatto (2011) o Sindicato que supostamente deveria representar os trabalhadores fica localizado em Morro da Fumaça, município próximo a Sangão, mas é um sindicato pelego que não defende os interesses dos trabalhadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, neste escrito procuramos demonstrar as condições de trabalho e sobrevivência dos trabalhadores de olarias de Sangão, evidenciamos que em muitos momentos foram/são privados de seus direitos, submetidos a uma condição de exploração, influenciados por relações paternalistas junto aos empresários que desta forma conseguem usufruir de sua força de trabalho até a exaustão.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 2009. 16ª ed.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De15452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De15452.htm)>. Acesso em 15 de Dezembro de 2017.

BARRETO, G.; MESQUITA, I.; SANTOS L. **História oral:** Metodologias constitutivas de narrativas históricas. Revista NUPEM, Campo Mourão, v.5, nº 08, jan./jul. 2013.

BARRETO, Margarida. **Uma jornada de humilhações.** São Paulo: PUC, 2000. Disponível em: <[http://www.assediomoral.org/site/assedio/\\_AMsintomas.php](http://www.assediomoral.org/site/assedio/_AMsintomas.php)>. Acesso em 08 de Janeiro de 2018.

BERETTA, Gislaine. **As facetas do trabalho feminino e a questão de gênero:** As Trabalhadoras das Olarias de Morro da Fumaça. Criciúma: Unesc, 2013.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

DAL MOLIN, Michele Rosso. **Avaliação de riscos à saúde e segurança do trabalho em uma indústria cerâmica: Estudo de caso.** Criciúma: Unesc, 2014.

DRAUZIO VARELA. **Entrevista com Dr. Sérgio Luiz Cecchia sobre dor no ombro.** Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/dor-no-ombro/>> Acesso em 20 de Novembro de 2017.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. 3ª ed.

ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade:** um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2008.

G1. **PIB Brasileiro recua em 2016 e tem a pior recessão da história.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/pib-brasileiro-recua-36-em-2016-e-tem-pior-recessao-da-historia.ghtml>> Acesso em 18 de Dezembro de 2017.

INMETRO. **Avaliação de conformidade.** Disponível em: <<http://www.inmetro.gov.br/inovacao/publicacoes/acpq.pdf>> Acesso em 12 de Dezembro de 2017

MACIEL, Cleiton Ferreira. **Homens do barro e estratégias empresariais:** um estudo da relação capital-trabalho no Pólo oleiro-cerâmico da Região Metropolitana de Manaus-AM. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

MARCONI, M. A; Lakatos, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2010.

Portal de Notícias UOL. **IBGE aponta aumento do desemprego em Outubro.** Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2017/11/30/desemprego-outubro-ibge-pnad.htm>>. Acesso em 12 de Dezembro de 2018.

POSSAMAI, Cristiane Alves Batista. **O assédio moral, suas implicações e a possibilidade de equiparação ao acidente de trabalho.** Criciúma: Unesc, 2013.

PINHEIRO, Hamida Assunção. **Oleiros da vida:** Trabalho, ambiente e o futuro dos trabalhadores do barro em Iranduba (AM). Manaus: UFAM, 2015

Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas. **Santa Catarina em números.** Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Estadual.pdf>>. Acesso em 12 de Dezembro de 2017.

STANDING, Guy. **O Precariado:** A Nova Classe Perigosa. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

TEIXEIRA, Déa Lúcia Pimentel. **A estrutura do poder, o paternalismo e o papel da assessoria técnica gerencial na pequena empresa industrial.** Revista de Administração de Empresas, vol 24, nº 02, São Paulo. Abr/Jun 1984.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa:** A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004.

ZANELATTO, João Henrique [et al.]. **História Política de Sangão**: a trajetória das disputas pelo poder político municipal. São Paulo: Scortecci, 2010.

ZANELATTO, João Henrique. **Homens do Barro**: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha. São Paulo: Barauna, 2011.